Enélio Lima Petrovich



EVOCANDO Henrique Castriciano

82(813.2)-5
P497e
1978 / Ex.01
F000202

Natal—1978

FARN.

Complexo Educacional Henrique Castriciano

FARN

EVOCANDO

Henrique Castriciano

RB-23-740
B2(813.2)-5
P497e
1978
ex.1
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F000202
11/08/05

HENRIQUE ~~CRUZ~~ C... LUCIANO ~~GURAL~~
Nº 3232
Data 09/11/93

APRESENTAÇÃO

FARN

Desde os tempos de estudante em Natal-RN, destacava-se Enélio Lima Petrovich pela sua vivacidade e inteligência, tornando-se um líder cultural entre seus pares.

Laureado Técnico em Contabilidade, foi o orador da sua Turma (1953).

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da UFRN, na sua 1ª Turma — quando já exercia funções próprias na Organização Judiciária Estadual — foi no mesmo ano (1959), eleito Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, cuja Presidência assumiu 4 anos depois — jovem de apenas 29 anos. Teve logo prorrogado seu mandato com os aplausos, entre tantos, do grande e querido mestre Luís da Câmara Cascudo, que disse, então, "nele reconhecia grande força valorizadora em defesa do patrimônio intelectual do nosso Estado".

E à frente da Casa da Memória Norte-rio-grandense até agora é mantido, por unanimidade, honrando a cultura da nossa querida e saudosa terra potiguar.

Enélio Lima Petrovich é Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de outras entidades congêneres, de vários Estados. É membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupando a Cadeira nº 4, cujo Patrono é o inesquecível poeta Lourival Açucena.

Sua presença realça, ainda, nas principais instituições da cultura brasileira. Interessado, desde cedo, pelos estudos jurídicos, históricos e literários, deu provas da sua inteligência e saber, escrevendo em jornais e revistas de Natal e de alguns Estados.

Já publicou, Enélio Lima Petrovich, mais de duas dezenas de excelentes trabalhos, onde, com proficiência, ministra os conhecimentos elaborados pela sua erudição privilegiada.

A sua viagem de estudos à Alemanha Ocidental, em 1969, a convite daquele Governo, produziu fartos e magníficos resultados para o intercâmbio cultural Brasil-Alemanha.

Este é o nosso conferencista.

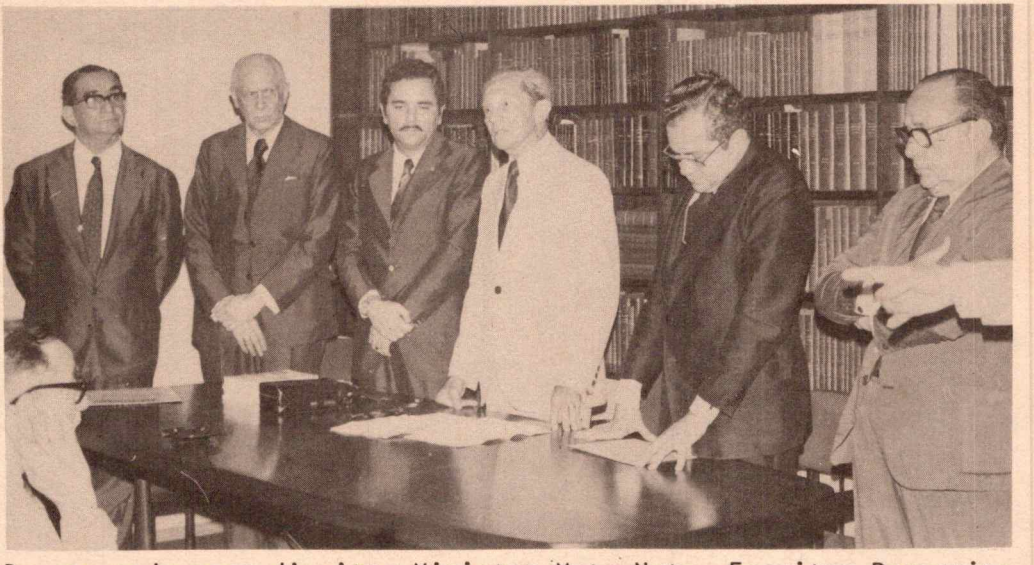
Rio, 28 de novembro de 1974

General Div. R/1 Dióscoro Gonçalves Vale

— *Presidente do Centro Norte-rio-grandense* —



Dr. Enélio Lima Petrovich proferindo a sua palestra.



Da esquerda para direita: Ministro Mota Neto, Escritor Peregrino Junior, Dr. Enélio Lima Petrovich, General Dióscoro Gonçalves Vale, Dom Antônio Costa e Escritor Walter Wanderley.

FARN.

EVOCANDO HENRIQUE CASTRICIANO (*)

Enélio Lima Petrovich

"Sinto desejos de rezar, enquanto
O ângelus repercute nas encostas...
Tem compaixão, tem pena do meu pranto
Por que não me fizeste de mãos postas?"

* * *

Assim cantou o poeta Henrique Castriciano de Souza, em 23 de maio de 1897, nesta mesma hora em que o Centro Norte-Rio-Grandense lhe presta a homenagem da saudade, atendendo à convocação do Exmo. Sr. General Dióscoro Gonçalves Vale. É o preito de reconhecimento eterno que os conterrâneos, aqui residentes, e os insígnes amigos do Rio Grande do Norte tributam a um dos mais eminentes homens de letras da pequenina terra potiguar, pelo seu centenário de nascimento.

Henri Robert, ao narrar um pouco do muito da história de Maria Stuart, a célebre Rainha da França e da Escócia, começou fixando o seu epitáfio, e escreveu:

"Quantos acontecimentos, felizes ou
trágicos, acumulados entre essas
duas datas...!

Não pela similitude biográfica, mas pela projeção mundial de sua vida, sigamos os mesmos passos daquele escritor, ao falar de nosso homenageado, reproduzindo as inscrições do seu túmulo, no lado esquerdo do mausoléu de Pedro Velho, à rua São João, do Cemitério do Alecrim, em Natal:

"Dr. Henrique Castriciano de Souza

Nasceu em Macaíba, a 15-3-1874

Faleceu em Natal, a 26-7-1947

Escritor, jornalista, poeta e político

Fundador da Escola Doméstica de Natal

Coordenador do Movimento escotista no Estado

Primeiro presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Vice-governador do Estado — 1914 a 1920 e de 1920 a 1924.

Homenagem do Governo do Estado, de amigos e admiradores

Uma alta e formosa inteligência a serviço de um grande ideal".

Como se constata, no período de 73 anos, do alvorecer ao crepúsculo, da chegada à partida, neste mundo de Deus, foi surgindo, crescendo, se ampliando a imagem viva do poeta, escritor, homem público, filósofo, político e educador.

Evoquemos, pois, em rápidas passagens, trilhando, no tempo e no espaço, seus caminhos, às vezes ingremes, silenciosos, às vezes felizes, triunfantes, do menino, que apesar de ter nascido doente, tornou-se gigante pelo seu espírito e pela sua cultura.

Não o conheci de perto. Ao falecer tinha apenas 13 anos. Porém conservo na mente, a sua presença, evocada por muitos que a seu respeito falaram e escreveram. O mestre Câmara Cascudo, os escritores Rodrigues de Melo, Nilo Pereira, Manoel Varela de Albuquerque, Raimundo Nonato, Gumercindo Saraiva e tantos outros, fizeram-lhe justiça, na exaltação de sua cultura, de sua inteligência e de sua humildade. E se acrescente mais: de sua honestidade, como no conhecido episódio com Carvalho de Brito, tão bem contado por Peregrino Júnior.

Esqueçamos a criança raquítica, que não andou muito cedo, portador de pneumonia e de tuberculose enfim. Lembremos, inicialmente, o poeta do "Aboio":

"Ah, como é triste o aboio!

Ah, como é triste o canto"

FARN

E em outro trecho:

"É isso o que nos diz, às horas da trindade,
A voz do sertanejo, ansiando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja letra ninguém advinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, ungido de emoção,
Se coubesse num ritmo, era o do coração."

Poeta de primeira linha, deixou "Vibrações", em 1903, com prefácio de Clóvis Beviláqua. "Iriações" é livro de 1892. "Ruinas", de 1898. E tão grande era a sua inspiração, que Victor Orban e Bjorkmann passaram alguns de seus versos para o francês e o sueco, dando dimensão universal à sua poesia.

Entretanto, neste ensejo, sobre Henrique Castriciano, merece registro o que escreveu, de propósito e para este momento solene, Dioclécio Duarte, nosso confrade no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras:

"É com indisfarçável emoção que relembro Henrique Castriciano de Souza. Não foi ele apenas um extraordinário poeta. Os seus versos eram de extrema sensibilidade e espontânea inspiração. Taine afirmava que quatro linhas bastariam para identificar um autêntico poeta.

Escreveu maravilhosos poemas no mais belo estilo parnasiano. É suficiente citar as lindas estrofes escritas na pedra da Serra de Martins quando ele viu pingar silenciosamente a gota d'água do interior da rocha eterna: "É o coração da pedra que soluça".

No mesmo plano poético de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, não gostava Henrique de ser chamado poeta.

Certa vez, numa visita que lhe fiz, perguntei à governanta de sua casa: "O poeta está?" Era depois do almoço, e ela respondeu: "Está descansando na rêde. Pode entrar".

E Henrique, depois de alguns minutos de conversa, delicadamente afirmou:

"Os meus conterrâneos e até os meus amigos costumam a me chamar de poeta e me consideram talvez preguiçoso. Não sei o motivo".

E o ilustrado consócio muito bem compreendeu a ironia e desencanto, dizendo-lhe estas palavras:

"Tenho inveja dos poetas, pois a poesia antecedeu os grandes prosadores. E foi, em todas as épocas, a grande inspiradora da Humanidade. Os pastores guiavam os seus rebanhos cantando canções rústicas e sentimentais; nos templos religiosos, como nas marchas guerreiras, os hinos sempre exerceram profunda influência espiritual. Quando Hoover deixava a Presidência dos Estados Unidos, o país materialmente mais poderoso do mundo contemporâneo, declarou: "A nossa pátria reclama, no governo, um grande poeta". E surgiu Franklin Roosevelt, cuja imaginação trouxe à nação um novo rítmo. Roosevelt era o poeta anunciado pelo seu antecessor".

Mas, prossigamos. O nosso homenageado se caracteriza como homem público?

Sim, Henrique Castriciano prestou relevantes serviços ao Rio Grande do Norte, ocupando importantes cargos, como Secretário do Governo Alberto Maranhão, Procurador Geral do Estado. Neste foi substituído pelo meu avô, Galdino Lima. Presidente do Congresso Legislativo e Vice-governador nos governos de Ferreira Chaves e Antonio de Souza. Aposentou-se em 1942, como funcionário do Tribunal de Contas da União.

Digno de referência foi o seu trabalho na Secretaria do Governo Alberto Maranhão. É que, em agosto de 1900, redigiu a Lei N. 145, através da qual o poder público "mandaria imprimir os livros de autores potiguares".

Que dizer, agora, acerca do fundador da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras?

Sendo Henrique Castriciano um homem de cultura teve o privilégio, ao lado de outros intelectuais da província, de fundar, em 1936, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Já havia, desde 1902, o venerando Instituto Histórico e Geográfico — celeiro de altas e nobres tradições e do qual Henrique era também sócio. Outra casa para reunir os amantes da literatura se fazia necessária. Então iniciaram-se os entendimentos. Câmara Cascudo, Aderbal de França e Henrique Castriciano, nos salões do Instituto de Música, conversaram, discutiram. Patronos à vista. Nomes escolhidos. Divergências. Acertos. E, daí, se projetou o *petit trianon* da terra.

Com inexcedível oportunidade, Manoel Rodrigues de Melo, atual presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, assim me falou, na véspera de minha viagem:

"O relevo que alcançaram este ano as festas do primeiro centenário de nascimento de Henrique Castriciano, merecendo ser lembrado por várias instituições de cultura do Rio Grande do Norte e do Brasil, evidencia o valor da obra do criador de nossa Academia, e habilita os pesquisadores ao trabalho de indagação e curiosidade em torno de seu nome.

Fazendo o levantamento de sua obra literária espalhada por todo o país, pude ver a profundidade e a extensão de sua cultura, desfazendo, assim, o mito do "homem preguiçoso", que lhe tentaram maliciosa e perversamente pespegar, com inveja do talento que possuia.

Já copiamos quatro grossos volumes de sua obra e ainda não conseguimos dominar nem a metade dos seus escritos espalhados pelo Brasil afora.

Precisamos, sem dúvida, de dois ou três anos para juntar, copiar e selecionar toda a obra de Henrique Castriciano. Isto feito, envidaremos esforços no sentido de reeditá-la e divulgá-la por todo o país.

Esta é a nossa missão à frente da Academia Norte-Rio Grandense de Letras, que se vem estendendo ao longo de quase vinte anos."

* * *

Certa vez escreveu Ribeiro Couto:

"Todas as viagens são lindas, mesmo as que fizeres nas ruas do teu bairro. O encanto dependerá do teu estado d'alma".

Henrique também pensava desta forma.

Viajou pelo velho mundo, em busca da saúde e de melhores conhecimentos. Suíça e Bélgica o fascinaram, sob o ponto de vista educacional. E de lá trouxe a grande idéia. Criou a Escola Doméstica, na qual a menina, mais tarde moça e mulher, se incorpora no lar e na sociedade, cumprindo a sublime missão de mãe e dona de casa. Os ensinamentos ali ministrados já ultrapassaram fronteiras nacionais, e a Escola Doméstica se apresenta, no Brasil, como exemplo do idealismo e da pertinácia de Henrique Castriciano. Basta o que definiu Oliveira Lima, em 1919, quando paraninfou a sua primeira turma:

"Sobre esta instituição paira a memória de um espírito gentil que cedo em demasia se desprendeu da terra, e cujo influxo poético, emanado da região misteriosa onde se devem congregar as almas associadas pela comunidade de sentimentos e pela afinidade dos sonhos, deve ter inspirado o Dr. Henrique Castriciano na sua generosa concepção".

E arremata, magistralmente, o mestre Câmara Cascudo, em seu livro "O nosso amigo Castriciano", à pág. 138:

> **"Castriciano amou o normal, o regular, o comum, o natural. Para o lar que não possuiu dedicou sua existência cultural. Força de persuasão, raciocínio inesgotável e persistência vocacional.**

Nada solicitou para ele próprio. Morreu num aposento de hospital, hóspede ilustre mas homem paupérrimo. Sem a mão de uma mulher sobre sua cabeça agonizante. Mas deixou, poderosa e viva, a ESCOLA DOMÉSTICA".

É o que desejava externar, nesta noite tropical, à guisa de uma palestra despretensiosa, valorizada, sobretudo, e principalmente pelas citações e depoimentos dos que melhor conheceram, em convivência cordial e humana, o escritor, o poeta, o homem público, que foi Henrique Castriciano, filho de Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza; irmão de auta, João Câncio e de Eloy. Aquele que, na ânsia de enfrentar a morte que o espreitava, viajou a Recife. Na veneza brasileira percorreu os consultórios médicos. Hospedou-se no Hotel Avenida. E como que sentindo o fim, aos 73 anos de idade, fez mais estes versos:

"Hoje, nada mais resta. Solitário
Eu sou! E sobre mim, tristes chorando,
Bem como as notas de um estradivário,
Voejam as aves da saudade, em bando".

Muito mais, é certo, poder-se-ia falar a respeito do homenageado. Homem de teatro e do cancioneiro, também. O seu anedotário, de igual modo, representa uma obra prima de sensibilidade e de argúcia. Vejamos este episódio:

Um grilo deixou de cantar no seu quarto. Indagou da criada, qual o motivo. Resposta: "Limpei as velhas botas que ali estavam fazia tempos". Resultado: Como não poderia ler mais ouvindo o grilo cantar, dispensou a empregada.

Enfim, permitam-me todos, como que uma confissão. Não sei mesmo se por coincidência, levado pela força irresistível do destino, maior parte desta modesta palestra escrevi durante a viagem marítima, no "Rosa da Fonsêca", do velho Recife, aonde, por último, Henrique foi buscar saúde, até aqui, nesta sempre maravilhosa cidade, que ele tanto amou, residindo à rua Riachuelo.

O céu e o mar evocaram-me a presença e a lembrança do viajante insígne, à procura de novas terras e de outras civilizações.

Por isso, vejo-o também, em épocas distantes, cruzando mares deste Brasil e da inesquecível Europa. E ainda o homenageamos neste seu poema — "Missa do Mar":

"Eis-nos sós, companheiro! Amargurado oceano
Deixa-me descansar ao pé de ti, meu velho...
Depois de ter ouvido o Ritual Romano
Quero aprender de cor o seu Santo Evangelho.
Abre o verde missal! como um padre, de joelho,
Põe nos ombros azuis o manto soberano;
E do sol preso ao Céu de seu disco vermelho
Faze uma hóstia de luz, faze um símbolo humano".

Após evidenciar algo, em breves lances, sobre Henrique Castriciano, "outro valor mais alto se alevanta", para repetir Camões — o imortal vate lusitano.

Por alguns minutos, deixemos alguém integrar-se a esta festa votiva, telúrica e emocional. A este encontro de cultura e de saudade.

Conceda-se a palavra ao maior historiador do Rio Grande do Norte. E temos certeza de que, o homenageado, nesta hora noturna, do outro lado da vida, eterna, e incógnita, há de ficar agradecido, como nós agradecidos já estamos ao mestre Luís da Câmara Cascudo, pela sua palavra. Ouçamos pois, com silêncio e emoção, o seu depoimento:

"Menino, rapaz, em plena maturidade, conheci e privei com Henrique Castriciano de Souza, simplesmente Henrique, o nosso amigo Castriciano, como Natal o conhecia. Fui como ele, ou sou como ele homem do século 19. Na paisagem humana do Rio Grande do Norte, Henrique foi uma figura não apenas destacada, mas a cada momento presente na memória coletiva. Vice-governador do Estado, sem eleitorado; bacharel em Direito, que nunca fez um requerimento e não recordava o

ano de sua formatura. Para mim melhor prosador do que poeta. Pertenceu a sua época e viveu-a até morrer. Era para nós o filósofo. Mas o filósofo na acepção popular não é aquele que pratica o exercício especulativo e metafísico. É o ser original que tem soluções pessoais para sua vida, desprezando a economia. Desajeitável, porém decente no trajar. Com uma mentalidade cética e intolerante para a vida que o cercava. Foi poeta mas o poeta parnasiano que não desprezou nem a natureza nem a sensibilidade. Livros esgotados. A colaboração para mim essencial, esparsa e perdida em jornais difíceis. Henrique ao morrer, em 1947, era um homem sem substância que o materializasse a admiração. Citavam-no ou admiravam-no por hábito, porque ele passara e nem mais o Rio de Janeiro, onde colaborou em todos os jornais, e viveu e ninguém mais o conhecia. Os seus amigos tinham desaparecido. Henrique fora amigo de Olavo Bilac e ainda vira Anatole France, em Paris. Visitara a Grécia e o Egito.

Esta amizade dos meus pais pelo nosso amigo Castriciano fez-me trabalhar, não para consagrá-lo, mas para reunir os materiais da possível sobrevivência. 18 anos depois de sua morte, em 1965, publiquei "O nosso amigo Castriciano".

Aí está o depoimento de quem o conheceu através da vida. Reuni até o anedotário que era a parte mais saliente e prestante de sua inteligência. Consegui uma antologia à parte, em prosa e em versos corrigidos por ele, sanados dos enganos das edições que não são mais encontráveis. Quando envelheci já ninguém falava em Henrique. Mas Henrique, andando-se do tempo para a sua época, é um marco, uma figura, uma presença, uma influência vital. Criou e manteve a Escola Doméstica; deu às suas crônicas a leveza, a claridade tão diversa da retórica pomposa de sua época.

Agora e aqui, vencido pela obstinação de Enélio Lima Petrovich, meu aluno e quase filho de criação, o que faço é louvar quem elaborou esta homenagem. Aqueles que participam dela, a assistência fiél a esta homenagem que vence o silêncio, o tempo, o esquecimento. Creio que aqui todos acreditarão com que emoção profunda eu soube dessa homenagem.

Tudo se explicaria, menos a ressurreição de Henrique. Alguns minutos, alguns segundos, no velho Rio de Janeiro que ele tanto amou.

Louvo, pois, esta entidade. Todos que ajudaram essa ressurreição. Eu apenas, neste momento, com tanta idade e tão pouca saúde, mando uma mensagem mais carinhosa, mais cheia de ternura brasileira, para esta noite de homenagem que ele tanto mereceu".

(Gravado em 14-11-74 — Natal-RN)

O grande Tagore, olhando para o alto, exclamou:

"Deste-me apenas voz; todavia,
pediste mais, e eu canto!"

Afinal, parodiando o consagrado filósofo índu, pedimos ao mestre Câmara Cascudo e ele também cantou para todos nós, nesta singela evocação à memória de Henrique Castriciano de Souza, sem nenhuma dúvida,

"Uma alta e formosa inteligência
a serviço de um grande ideal".

(*) Palestra proferida no Centro Norte-rio-grandense, em 28 de novembro de 1974, a convite da presidência do General Dióscoro Gonçalves Vale.

* * *

(Publicada in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte" — Vols. LXV, LXVI e LXVII — anos 1973 — 1974 — 1975 — págs. 145/154)

FARN





Aspectos da Assistência

EDIÇAO COMEMORATIVA DO
ANIVERSARIO DO



Rio — abril — 1978


F000202